

# Clínica, política e compromisso: Hélio Pellegrino e a subversão do silêncio<sup>1</sup>

*Clinic, politics, and commitment:  
Hélio Pellegrino and the subversion of silence*

---

João Batista Lembi Ferreira\*

## Resumo

Este trabalho versa sobre a trajetória de Hélio Pellegrino, destacando sua atuação no combate ao autoritarismo e à ditadura militar no Brasil, bem como sua coragem ao questionar instituições rígidas. Hélio Pellegrino representou a síntese do intelectual comprometido com a transformação social, unindo a psicanálise ao posicionamento público e político em tempos de golpe, silenciamento, censura e tortura de presos políticos. Sua postura combativa estendeu-se não apenas às práticas institucionais da psicanálise tradicional, mas também ao enfrentamento público de questões éticas, como no caso do autodeclarado “psicanalista”, Amílcar Lobo, colaborador da tortura. Nesse caso emblemático, Pellegrino denunciou a contradição entre o compromisso clínico com o cuidado humano e o envolvimento em práticas de tortura. Essa denúncia transcende o contexto brasileiro e revela a permanente tensão entre psicanálise e autoritarismo na Europa e no mundo, destacando-se como um episódio particular dentro de um quadro maior na história das instituições psicanalíticas internacionais. Evoca-se sua intensa atuação em espaços de resistência, como o Simpósio *Psicanálise e Política*, promovido na PUC-Rio, quando enfrentou os dilemas da neutralidade analítica em tempos sombrios. Além de psicanalista, Hélio foi poeta, jornalista, médico, psiquiatra, defensor de uma clínica viva e aberta ao povo, na contramão do saber enclausurado. Acreditava na psicanálise como prática subversiva e transformadora, aberta ao encontro humano e à história. A primeira clínica social de psicanálise do Brasil nasceu de sua inquietação. Junto a Katrin Kemper, cuja experiência na Policlínica de Berlim inspirava o compromisso com a democratização dos benefícios da psicanálise, propôs um modelo voltado para as classes populares, rompendo com o elitismo dos consultórios tradicionais. Ali, no Morro dos Cabritos e nas ruas de Copacabana, a psicanálise encontrou outro rosto, próximo das dores do povo. Sua trajetória reconstitui a luta pela ética na psicanálise, transformando o consultório em um espaço de encontro humano que vai além do mero uso de uma técnica psicanalítica; um gesto de presença diante do sofrimento do outro, capaz de abrir caminhos inesperados para a liberdade. O presente trabalho revisita essa figura inquieta e luminosa, reafirmando a atualidade de sua corajosa trajetória, de sua obra no campo das ideias e de sua práxis clínica psicanalítica e política.

---

1. Este trabalho foi apresentado no Congresso realizado em Budapeste.

\* Psicanalista. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [jb.lembi@gmail.com](mailto:jb.lembi@gmail.com)

**Palavras-chave:** Hélio Pellegrino. Freudismo internacional. Autoritarismo internacional e ditaduras. Clínica Social. Compromisso ético.

### **Abstract**

*This paper explores the trajectory of Hélio Pellegrino, highlighting his active engagement in the fight against authoritarianism and the military dictatorship in Brazil, as well as his courage in challenging rigid institutions. Hélio Pellegrino embodied the synthesis of the intellectual committed to social transformation, integrating psychoanalysis with public and political engagement in times of coups, silencing, censorship, and the torture of political prisoners. His combative stance extended not only to the institutional practices of traditional psychoanalysis but also to the public confrontation of ethical issues, as in the case of the self-proclaimed «psychoanalyst» Amílcar Lobo, a collaborator in acts of torture. In this emblematic case, Pellegrino exposed the contradiction between the clinical commitment to human care and involvement in acts of torture. This denunciation transcends the Brazilian context and reveals the ongoing tension between psychoanalysis and authoritarianism in Europe and globally, standing out as a particular episode within a broader historical framework of international psychoanalytic institutions. His intense participation in spaces of resistance, such as the Symposium «Psychoanalysis and Politics» at PUC-Rio, is recalled as a moment when he confronted the dilemmas of analytical neutrality in dark times. Beyond being a psychoanalyst, Hélio was also a poet, journalist, physician, and psychiatrist—a defender of a living clinic open to the people, opposing the confinement of knowledge. He believed in psychoanalysis as a subversive and transformative practice, open to human encounters and historical processes. The first social psychoanalysis clinic in Brazil was born from his restlessness. Together with Kattrin Kemper, whose experience at the Berlin Polyclinic inspired a commitment to democratizing psychoanalysis, he proposed a model aimed at the working classes, breaking with the elitism of traditional consulting rooms. There, in Morro dos Cabritos and the streets of Copacabana, psychoanalysis assumed another face, one close to the suffering of the people. His trajectory reconstructs the struggle for ethics in psychoanalysis, transforming the consulting room into a space of human encounter that transcends the mere application of psychoanalytic technique—a gesture of presence in the face of the other's suffering, capable of opening unexpected paths to freedom. This study revisits this restless and luminous figure, reaffirming the relevance of his courageous trajectory, his intellectual contributions, and his clinical and political psychoanalytic praxis.*

**Keywords:** Hélio Pellegrino. International Freudianism. International authoritarianism and dictatorships. Social Clinic. Ethical commitment.

Às margens do Danúbio, nesta bela e mágica cidade, ouviu-se a proclamação solene de Freud, em 1918, no *V Congresso Internacional de Psicanálise*, corajoso manifesto em prol dos deserdados, como se lê no livro *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Notável filho desta terra, Sándor Ferenczi, presidente do evento, reitor da faculdade de medicina, queria a psicanálise no currículo médico, sonhando multiplicar obreiros para que a psicanálise chegasse ao povo, ensejando a diminuição das neuroses, “endemia” tão perniciosa quanto, à época, a tuberculose.

Werner Kemper trouxe para o Brasil, em 1948, o discurso de Budapeste, em alemão. Fê-lo traduzir para o português e deu uma cópia para Hélio Pellegrino que a carregava no bolso. Alguns aspectos do “manifesto de 1918” impressionaram o psicanalista brasileiro, fazendo deles bússola para o exercício da psicanálise, como a questão da abstinência: *Por abstinência ... não se deve entender que seja agir sem qualquer satisfação – o que seria certamente impraticável; nem queremos dizer o que o termo popularmente conota, isto é, abster-se da relação sexual; significa algo diferente, que tem muito mais conexão com a dinâmica da doença e da recuperação.* (FREUD, 1918/1987, p. 205). Na mesma linha de balizadores do pensamento, debruçava-se sobre a dinâmica da nova ciência: *Os progressos da nova terapia, portanto, sem dúvida prosseguirão ao longo de outras linhas; antes de mais nada, ao longo daquela que Ferenczi, em seu artigo “Technical Difficulties in an Analysis of Hysteria” ... denominou recentemente “atividade” por parte do analista.* (Ibidem, p. 204).

No Brasil, na década de 70, a cruel ditadura militar, movida pela cultura da morte, promovia sofrimento e dor no povo brasileiro. A psicanálise mergulhou no viloso silêncio dos covardes e se omitiu criminosamente, acobertada pelo propalado apoliticismo, desculpa ignominiosa de tão vergonhosa omissão.

Hélio Pellegrino nasceu poeta e se fez militante na política, no jornalismo, levantando questões que iam da literatura à teologia, da filosofia às artes. Foi uma voz indignada, chamando à reflexão quantos desejassem justiça e equidade. E o fez nos mais expressivos segmentos da sociedade brasileira.

No campo da psicanálise, sua embriagada paixão, lutou pelo retorno do espírito originário, a psicanálise da social-democracia, como gritava seu criador, Sigmund Freud, cujo aludido discurso de 1918, conhecido como *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica* (FREUD, 1918/1987), ficou excluído dos currículos, como também *Análise Leiga*, 1927, escrito em defesa de Theodore Reik, processado por praticar a psicanálise, não sendo médico (FREUD, 1927/1976). O currículo de formação dos candidatos a psicanalistas intencionalmente sabotava tais estudos. A pergunta que nunca era respondida, é a psi-

canálise prerrogativa dos médicos, passou a incomodar sobremaneira os membros efetivos das sociedades e instituições psicanalíticas. A imprensa brasileira interessou-se pela inquietante proposição e produziu textos a respeito, sendo o mais rumoroso o do Jornal do Brasil, do notável jornalista, Roberto Mello, intitulado *Os Barões da Psicanálise*.

Hélio Pellegrino não era um perfunctório nem tampouco panfletário. A argumentação era irretorquível, emudecendo os colegas, ciosos do próprio bolso. E a forma enfática da inquirição não ficava a dever em delicadeza e elegância, jamais ofensiva, o que mais incomodava ainda os detratores, defendendo-se, forjando falsas acusações. De fato, a reação teceu argumentos pífios, sovados com impropérios, reconhecendo em Hélio Pellegrino talento e brilhantismo no jornalismo, na filosofia, literatura e poesia, negando-lhe, porém, a condição de psicanalista. O que propalavam era a conduta errática de não praticar a abstinência, expondo, em público, sua ideologia e militância pelo direito à liberdade de pensamento e de expressão, truculentamente cassada pela malfadada perseguição militar, matando, sequestrando e prendendo opositores ao regime, eliminando inúmeros brasileiros, muito dos quais até hoje desaparecidos. Por ser regido pela modéstia e simplicidade, nunca apregoava seus feitos, o que contrastava com atitudes recorrentes dos colegas, em direção oposta. Sua produção científica é vasta, mas sem ainda recolher-se em livros. O rigor da abstinência acontecia no *setting* analítico, ele impecável na conduta profissional, a clínica, a mais concorrida do Rio de Janeiro, com clientes de todas as correntes, inclusive direitistas, sabedores de sua honrada e honrosa atuação socialista, na política. Uma visão geral da vasta produção teórica pode ser admirada sobejamente no florescente trabalho de pesquisa, tese de doutorado de Larissa Leão de Castro, *Hélio Pellegrino, por uma psicanálise política*, 2024. O insigne fôlego da pesquisa revelou como é imenso o legado do psicanalista, o que desencadeou a cruzada de editar, já em 2025, as Obras Completas do gênio, em cuja límpida fonte se pode beber o pensamento *pellegriniano*, denodada luta por uma psicanálise social e democrata. Não obstante, os perseguidores o desqualificavam como psicanalista, tentando assim minar-lhe a autoridade como mestre e intérprete da obra de Freud. Nunca fez questão de sair em própria defesa. O autêntico psicanalista era aquele filiado à IPA, praticante da abstinência dentro e fora do consultório. Ele preferia ser visto como bastardo!

No que diz respeito à abertura da psicanálise a avanços na compreensão das neuroses, poder-se-ia dizer que Pellegrino respigou nos contemporâneos tudo o que implicasse ser ferramenta eficaz para o entendimento dos sintomas

do paciente, sem se afastar do eixo psicanalítico, o inconsciente. Era um estudioso contumaz, com uma peculiar característica de assimilar doutrinas, mastigá-las, pô-las em uso com seu acento, sem recorrer ao discurso autorizado com citações de jargões consagrados e mesmo de seus autores renomados.

A expressão *Barões da Psicanálise*, foi cunhada para questionar, na Sociedade Psicanalítica, a imposição da figura do analista didata, a análise de candidatos somente validada se feita com os analistas membros oficialmente associados, obrigatoriamente por quatro vezes por semana, a preço de ouro, o neófito sem qualquer direito a voz, vez e voto. Pellegrino os considerava eunucos, silenciados até que provassem, pela obediência cega, a adesão incondicional à Instituição. Da mesma forma, as supervisões só poderiam acontecer com credenciados, eram longas, exigindo-se mais de uma, sobre casos clínicos, acompanhados do começo ao fim.

Quando se denunciou publicamente que um torturador, médico militar, fazia formação psicanalítica da SPRJ a que Hélio Pellegrino pertencia, foi tomado do assomado espírito de profeta, e soltou a voz de protesto, exigindo a exclusão do aberrativo candidato. O caso ganhou a imprensa, o universo de intelectuais e artistas. Recorreu-se à IPA, omissão injustificada e leniência foram a resposta, culminando com a expulsão de Hélio Pellegrino da Sociedade Psicanalítica, e não a do denunciado. O destemor de Hélio o levou a recorrer à justiça comum, sendo reconduzido por sentença judicial à mesma Sociedade, onde achava que deveria estar por apreço, era seu lugar, para continuar com as contestações, lavradas em nobreza e ternura, graça e poesia, nunca em impropérios e agressões de qualquer espécie. Queria conversar. Queria perguntar e obter respostas ou explicações. Granjeou inimigos, não que os fizesse, tinha a obsessão pela alteridade, o outro como foco de seu apego e amor, com profunda devoção e respeito à diferença. Se a obsessão lhe batia à porta, era para repetir o mantra que ecoava no consultório e fora dele, no asfalto e na lama do morro, na casa farta e na casa falta de tudo, bem na linha do que dizia Freud, *consegui ajudar pessoas com as quais nada tinha em comum – nem raça, nem educação, nem posição social, nem perspectiva de vida em geral – sem afetar sua individualidade* (FREUD, 1918/1987, p. 209). Se, como diz com propriedade Jacques Lacan, no *Seminário VI*, quem legitima o psicanalista é seu cliente e não a Sociedade onde fez sua formação, *Lição 26*, a unanimidade do reconhecimento e gratidão dos pacientes de Pellegrino fazem dele, sem favor, um legítimo e autêntico psicanalista.

No *Dicionário de Psicanálise* de Élisabeth Roudinesco (1998), Hélio Pellegrino é o único psicanalista brasileiro que é celebrado em um lisonjeiro verbe-

te, assinalando o vigor da atuação no exercício da psicanálise no Brasil. Em 2022, foi o Museu de Freud, em Londres, que inseriu em seus anais o notável trabalho de Hélio Pellegrino, intitulado *O Pacto Edípico e o Pacto Social* (PELLEGRINO, 2020) cuja primeira apresentação aconteceu em Santiago, no Chile, em 1983, ponto crucial do Congresso, atravessando os Andes. Em 1986, foi o tema da abertura do Colóquio Latino-Americano, em Paris, que se chamou *O Psicanalista sob o Terror*. Em três Estados da Federação Brasileira, Clínicas, ruas, avenidas, logradouros, perenizam, com seu nome, Hélio Pellegrino. Gritam no meio do silêncio que as Sociedades criaram em torno da voz que se fez protesto contra desvios e distorções do lugar da escuta do sofrimento humano, que é de todos, não privilégio de alguns apaniguados. Não consta que haja outro psicanalista celebrado como o mineiro, que se radicou no Rio de Janeiro, em 1952. Será que tudo isso diz alguma coisa ou é poeira que se dissipa com o perverso vento do esquecimento? Não era para ecoar aos quatro ventos, o que deveria ser prática, no Brasil? Abrir os ouvidos ao vogal do povo? Não renderia dividendos ao bolso dos profissionais. Hélio Pellegrino foi amaldiçoado pelos pares. Por mais que o cerco fosse inexorável no exercício da psicanálise, execrável censura à liberdade de expressão, sozinho Hélio Pellegrino convocou um Simpósio, *Psicanálise e Política*, na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Superlotou o auditório; na rua baionetas e tanques, prontos para varrer os insurrectos contra o insano regime. E foi justo na fala do orador principal que um participante, vítima da tortura, interrompeu o discurso, pôs-se de pé e fez a enfática denuncia: *doutor, sua Sociedade Psicanalítica acoberta um torturador. O que o senhor pretende fazer?* A resposta veio como um raio: *farei o impossível para denunciar esta vilania, levando-a até últimas consequências.*

Depois de penosa e renhida luta, o torturador foi afastado dos quadros da SPRJ, sem explicação ou reparação de natureza alguma.

A 26 de novembro de 1985, Hélio Pellegrino recebeu convite oficial do Governo de Cuba para visitar a Ilha. O Brasil, por arbitrária imposição do imperialismo americano, não mantinha relações diplomáticas com aquele belo país do Caribe. A viagem se fez através de Lima, Peru. Choveram críticas como, *essa conduta é acinte aos clientes*, e lá foi o psicanalista brasileiro conversar com as autoridades cubanas, interessadas em compreender o que foram os Encontros Psicodinâmicos, realizados no Rio de Janeiro. O engajamento de Hélio na luta antimanicomial, rendeu-lhe o lisonjeiro convite para falar no Hospital Psiquiátrico de Havana, da parte de seu insigne e renomado diretor, Dr. Ricardo González Menéndez, e todo o *staff* da Instituição. De fato, a característica marcante de Pellegrino era a busca de humanização no atendimento aos assim

chamados “portadores de distúrbios mentais”. Dois gestos seus são dignos das antologias. O primeiro aconteceu na aula de psiquiatria, quando o professor levou um psicótico para que os alunos aprendessem com “modelo vivo”, fazendo-lhe perguntas que geravam respostas disparatados e disparados risos. O paciente fora marinheiro. Conhecera os fantasmas do pélagos, como o “lobo do mar”, intrépido perante as vagas encapeladas dos dias e noites de tempestade. Ali no anfiteatro, diante das ondas dos olhares cobiçosos de saber, aquele mar de gelo humano lhe provocou medo e se urinou todo. Hélio Pellegrino em lágrimas, desceu os degraus, onde se punham os alunos, e abraçou o paciente. Assim não, jurou praticar uma metodologia humana para os humanos, não importando descompensados. O segundo gesto é lembrado até hoje, em Belo Horizonte, onde nasceu o médico, psicanalista. No Instituto Raul Soares, coube-lhe o plantão da noite de Natal. Quando analisou as prescrições dobradas dos medicamentos para que os profissionais pudessem buscar as celebrações natalinas, não as aplicou, chamando a todos para a rua para que vissem, no céu, a chegada de Papai Noel. Se a medicina lhe pareceu dura, querendo fazer-se ciência exata, a psiquiatria se mostrou reificadora do paciente “perturbado”, e obcecada pela medicalização. Hélio Pellegrino buscou o caminho da palavra, acreditando que, quando se fala, a luz vem.

O exíguo tempo da presente apresentação impede descrever minimamente a imensa pessoa do *Pensador da Psicanálise Brasileira socialmente comprometida*. No entanto, vale relatar aqui fato de maior relevância, em 1973, que foi a criação da Clínica Social de Psicanálise Anna Kattrin Kemper.

Anna Kattrin Kemper, esposa de Werner Kemper, viera da Alemanha com o esposo, enviados por Ernest Jones, com a missão de organizarem a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Na Europa, Kattrin, fora expoente na Policlínica de Berlim, incansável no trabalho com crianças, órfãs da Guerra. Trouxe o sonho para o Brasil, uniu-se a outro sonhador, Hélio Pellegrino, e ambos pensaram uma Clínica nos moldes daquela Policlínica. O gênio de Pellegrino, se pôs a campo e montou um curso sobre o *Pensamento de Freud e seus seguidores*, duração de um ano, criou, na Universidade Cândido Mendes, os *Encontros Psicodinâmicos*, *A Criança, os pais e seus problemas*, os Avós muito bem-vindos, com duração de dois semestres. Este evento abriu, em 1973, o Congresso Internacional da FSPI (Federação das Sociedades Psicanalíticas Independentes), em Innsbruck, Áustria.

O dinheiro arrecadado com os cursos e encontros possibilitou o aluguel de uma casa, a montagem de uma Clínica, e Hélio trouxe a criativa ideia de fundar um Banco de Horas. Cada profissional, formado em grupalterapia, voluntaria-

mente ligado à Clínica, reservaria um mínimo de duas horas semanais de seu trabalho para o lastro de atendimento à população dos desaposados e desposuídos. Assim, com pagamento, segundo a própria condição, alguns deles meramente simbólicos, os candidatos foram comparecendo, chegando a setecentas inscrições, no final dos três primeiros meses de funcionamento. Já no primeiro ano, a vanguardeira casa de atendimento, se abria a adultos, adolescentes e crianças, essas últimas compondo os Grupos Lúdicos, seis, oito crianças, ouvidas simultaneamente por dois terapeutas, através de jogos, praxiterapia ao ar livre, com acentuação na criação, sociabilização, através do lúdico. Agressividade, disputas e emulações, focos principais de expressão dos conflitos internos, onde a forma de “interpretação” era sempre feita no formato da pergunta por alusão. Os pais eram recebidos de quinze em quinze dias para orientação, em reuniões coletivas, o material circulando entre eles sob a supervisão de dois “moderadores”. Atendimento individuais, em casos específicos, eram considerados, como também, acompanhamento psiquiátrico em um departamento especial da Clínica, o NAT, quando necessário. A proximidade da Clínica Social de Psicanálise a uma favela, o Morro dos Cabritos, no bairro de Copacabana, ensejou a ida de psicanalistas para ouvir esse segmento que jamais entraria em uma sala de consulta para falar de seus fantasmas e medos. Essa experiência foi levada para o Colóquio de Paris, apresentada no já citado encontro Latino-Americano, *O Psicanalista sob o terror*. Inês Etienne Romeu, detida em presídio de segurança máxima, por participar do sequestro do embaixador americano, Charles Burke Elbrick, em 1969, em prisão perpétua, foi atendida no cárcere, por terapeuta da Clínica, a pedido do Hélio Pellegrino.

Michel Foucault, no Rio, quis conhecer pessoalmente A Clínica Social, estar com Hélio Pellegrino e Anna Kattrin Kemper, a quem escreveu belíssima carta, incentivando a iniciativa pioneira e singular, fundamental dentro do movimento psicanalítico. Acorreram, às primeiras horas, grupos de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco para conhecer a obra, sua dinâmica, e reproduzi-las fora do Rio de Janeiro. De fato, a CSAKP foi a primeira do Brasil, única a possuir um Banco de Horas, aberta a todas as Instituições Psicanalíticas, sem nenhum fim lucrativo, além de nenhum fito de se tornar um lugar de formação de profissionais do campo PSI.

Hélio Pellegrino era apaixonado pelo outro, *quero amá-lo na sua radical inutilidade, ou seja, amá-lo por amor do amor, não para que me seja útil de alguma forma*. Foi exemplar na forma de acolher o paciente. Não fazia por ele, nem com ele. A conduta lembrava o método socrático de acreditar que o propósito saberá, em algum momento, encontrar o caminho. Seguiu as lições do



Mestre de que, *Cruel como possa parecer, devemos cuidar para que o sofrimento do paciente, em um grau ou de um modo ou de outro efetivo, não acabe prematuramente. Se devido ao fato de que os sintomas foram afastados e perderam o seu valor, seu sofrimento se atenua, devemos restabelecê-lo alhures, sob forma de alguma privação apreciável, de outro modo corremos o perigo de jamais conseguir senão melhoras insignificantes e transitórias.* (FREUD, 1918/1987, p. 205).

A grita se levantou aos céus das gentes, considerando aquele espaço injurioso para com a psicanálise, desde os primórdios elitista e elitizante, no Brasil. A própria IPA solicitou que se retirasse o termo Social, atrelado à Psicanálise. A resposta foi uma solene desconsideração do pedido *nonsense*, carreado a absurda exigência. Os valores baixos das sessões ameaçavam a tradição de preços altos dos consultórios particulares, discricionário filtro da demanda de tratamento do sofrimento psíquico, que acomete a ricos e pobres. Os ataques chegavam à imprensa com frases ofensivas, *banalização da psicanálise* ou, pior, com a preconceituosa acusação, injuriosa à ciência de Freud e à população pobre, *luxo no lixo*.

Pellegrino foi invejado, e por isso, criticado por colegas, impermeáveis às propostas revolucionárias de expurgar da psicanálise o joio que ali medrava. Foi expulso da Sociedade Psicanalítica que tanto prezava, dando-lhe notoriedade e respeito por lhe pertencer aos quadros. Foi preso por denunciar a tortura e clamar por liberdade, roubada pelos militares usurpadores do poder legitimamente constituído. A acusação era que sua atuação punha em risco a Segurança Nacional. Sua arma de luta foi sempre a palavra, clara e distinta, a serviço dos excluídos, cinzelada em ternura e poesia.

A consciência de que o paciente se apresenta com a mente dilacerada, tentado compensar com satisfações vicárias o vazio em que se põe, era alerta para Pellegrino para não compensar, no processo da transferência, a insatisfação todo o tempo manifestada. Soube conter-se na medida justa, oferecendo acolhida e escuta, segura, na privação, nada oferecendo a mais, certo de que o paciente lograria apaziguamento fecundo com as próprias forças. Ademais, sua clínica foi para todos, sensível aos menos abonados, onde soube oferecer tratamento psicanalítico estrito, e não tendencioso. Foi fiel ao eixo doutrinário que faz da psicanálise a generosa e asséptica escuta, certa de que, *se você fala, a luz vem*, como se pode ler, em nota de rodapé, no livro, *Três ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905/1987).

Afinado com o pensamento e ação de Hélio Pellegrino, vale lembrar a monumental obra de Elizabeth Ann Danto, *As Clínicas Públicas de Freud*, apelo à quarta geração do freudismo, para uma revisão profunda da prática da psicanálise do terceiro milênio. E faz todo sentido, pois desde o nascedouro,

lamentavelmente a psicanálise pareceu ter nascido para a elite burguesa, adequada àqueles que tivessem alguma formação intelectual e, sobretudo, dinheiro, arcando com sessões semanais por longo período. Por mais que a ideia de Freud não fosse essa, o que prevaleceu foi justo a revolucionária “cura pela palavra” reservar-se aos privilegiados, embora, desde o discurso de 1918, ficasse claro que seria ela para todos, o Mestre de Viena caracterizando-a como da social democracia. De fato, nos anos 20, surgiram várias Clínicas Públicas, Freud e os psicanalistas da primeira geração em vários países da Europa Central. Para atendimento a pessoas em situação de pobreza e mesmo em estado de miséria. Por que se perdeu essa prática?

Hélio morreu precocemente. Seu coração transbordou de amor ao outro. Deixou-nos em 1988, completando vigorosos 64 anos. Um silêncio intencional o cancelou por trinta e seis anos. Em 2024, centenário de seu nascimento, vozes surgiram do fundo dos tempos para fazer justiça ao Profeta da Esperança, aquele que falou e fez, por ternura, sorriso nos lábios e poesia nos verbos, concretizando o sonho de Freud, em 1918, aqui replicado, a psicanálise fruto da social-democracia, a psicanálise a escuta do sofrimento humano, sem distinção entre ricos e pobres.

### Tramitação

Recebido 15/05/2025

Aprovado 29/05/2025

### Referências

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. (1918). *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (ESB, 17).

\_\_\_\_\_. (1927). *A questão da análise leiga*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 205-293. (ESB, 20).

PELLEGRINO, H. *Oedipal pact and social pact: From the grammar of desire to Brazilian shamelessness*. *Psychoanalysis and History*, 22(3), p. 279–290, 2020.

Disponível em: <[https://bsf.spp.asso.fr/index.php?lvl=notice\\_display&id=147155&lang\\_sel=en\\_UK](https://bsf.spp.asso.fr/index.php?lvl=notice_display&id=147155&lang_sel=en_UK)>. Acesso em: 9 mar. 2025.

ROUDINESCO, É.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.